OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 332

11 DE MARÇO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

SUA MAGESTADE O IMPERADOR GUILHERME I DA ALLEMANHA

FALLECIDO EM BERLIM NO DIA 8 DO CORRENTE (Segundo uma photographia de Cassier & Deininger, de Berlim)

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma das mais deliciosas comedias de Theodoro de Banville, *Socrates e sua mulher*, acaba de alcançar um verdadeiro *successo* litterario no theatro de D. Maria, traduzida em formosissimos alexandrinos por um poeta de muito talento, o sr. José Ignacio de Araujo, e representada magistralmente pelos artistas do nosso primeiro theatro.

Antes, porém, de fallarmos da peça e da sua representação, temos o dever de fallar da pessoa a quem a traducção d'essa peça se deve, dever que nos é gratissimo porque essa pessoa é um dos nossos amigos mais queridos, uma das individualidades mais sympathicas e originaes da sociedade de Lisboa:

Essa pessoa é Paulo Plantier.

Toda a gente conhece Paulo Plantier, o Plantier das rosas e dos relogios, o Plantier de Almada e da rua do Ouro.

A relojoaria de Paulo Plantier na rua do Ouro, á esquina da travessa da Victoria, a relojoaria mais elegante e artistica de Lisboa, onde nas *montres* se agrupa tudo que ha de mais bello e de mais luxuoso em relogios, em ourivesaria, esmaltado aqui e ali por photographias magnificas, e rosas deslumbrantes, é o ponto de reunião dos homens de lettras mais distinctos, dos jornalistas mais conhecidos, dos elegantes mais em evidencia, todos os dias das 3 ás 5 horas da tarde.

Paulo Plantier encostado á porta da loja, com a sua magnifica *boutonnière* de rosas, a sua cara intelligentissima de parisiense, preside ao cavaco, que varia de momento a momento, conforme varia successivamente a qualidade dos cavaqueadores.

Todos os dias se encontram ali á porta, Lopes de Mendonça, o laureado auctor do *Duque de Vizeu*, Jayme Victor, Moura Cabral, Albino Pimentel, José Sassetti, o marquez d'Angeja, o fidalgo mais original que tem Lisboa e que conta com uma graça inimitavel pela sua seriedade cheia de bonhomia, as historias mais funambulescas, Antonio d'Oliveira, o Freitas Rego, o Mello Fininho, os Rosas, o Valle, ás vezes o Clemente dos Santos um jornalista que teve ha muitos annos grandes *successos* litterarios na *Revolução de Setembro* em uns magnificos folhetins causticos e umas parodias soberbas, e que depois se deixou de lettras para se dedicar exclusivamente á sua clinica de medico lá para a outra banda, o Pedro Vidoeira, e cito ao acaso, na impossibilidade de me lembrar de todas as caras conhecidas, de todas as personalidades mais em evidencia na vida quotidiana de Lisboa, que todos os dias por ali passam e fazem da loja do Plantier o centro do bom cavaco da nossa terra.

Ali conversa-se de tudo: d'arte, de litteratura, raras vezes de politica, quasi sempre de rosas, porque Plantier é o mais ardente, o mais enthusiasta, e o mais artistico cultivador de rosas que ha no nosso paiz.

Artista até á raiz dos cabellos, Paulo Plantier tem um enthusiasmo doido por tudo quanto é bello, uma bella rosa, um formoso quadro, uma soberba estatua, um grande artista, uma nobre acção fazem vibrar extraordinariamente o seu temperamento previlegiado e impressionavel.

Quando aqui ha annos Sarah Bernhardt esteve em Lisboa, uma tarde em que passava em carruagem descoberta pela rua do Ouro, cahiu-lhe de repente no regaço, como se chovesse do ceu, um enorme feixe de formosas rosas.

Surprehendida e encantada por essa inesperada apotheose de magica, Sarah Bernhardt voltou-se risonha para Paulo Plantier, que atirára aos pés da grande artista todas as rosas que tinha em casa.

Quando a Lisboa vem qualquer grande artista, as rosas magnificas de Plantier correm logo a saudal-a: saudaram a Patti, saudaram a Nevada, saudaram ainda ha dias Regina Paccini no seu accordar triumphante de Estrella.

Pois é a Paulo Plantier que a Lisboa artista deve o delicadissimo prazer de ter ouvido representar a esplendida comedia de Banville.

Plantier quando recebeu de Paris, *Socrates et sa femme* devorou-a n'um momento, e pegando na comedia, atravessou a rua e entrou na loja de ourives do seu visinho, o José Ignacio d'Araujo.

— Aqui está esta comedia que você vae já traduzir.

— Eu? perguntou o José Ignacio muito admirado.

— Sim senhor, e é para já.

O José Ignacio pegou na peça, folheou-a e disse-lhe:

— Mas eu nunca fiz alexandrinos.

— Pois faça-os, que tal está.

— Mas não sei.

— Aprenda.

E d'ali a momentos Paulo Plantier voltava á loja do José Ignacio levando-lhe um explicador para os alexandrinos.

Era Lopes de Mendonça.

— Diga-lhe lá como se fazem os alexandrinos.

O Lopes de Mendonça disse-lh'o.

— Bem, agora toca a fazel-os. É aviar.

D'ali a dias José Ignacio dava a Paulo Plantier a comedia de Theodoro de Banville traduzida em bellos alexandrinos, que tinham a rara virtude de, em linguagem portugueza da mais vernacula, conservar todo o espirito francez.

— Agora vamos a fazer representar isto.

E Paulo Plantier caminhou logo para o theatro de D. Maria com a comedia debaixo do braço.

E d'ali a dias começava a pintar-se a vista nova, a fazer-se o guarda-roupa á grega, e, finalmente, no dia 3 de março, a *Socrates e sua mulher* subia á scena e apparecia ao mesmo tempo á venda, editada por Plantier, n'uma bonita edição.

A representação da peça foi um verdadeiro successo.

Rosa Damasceno no papel de Xantippa é maravilhosa: o publico fez-lhe uma ovação enorme, e no fim da comedia o camarim da grande actriz encheu-se de homens de lettras e de jornalistas que a iam cumprimentar por essa magistral creação, que tão grande honra faz ao brilhantissimo talento da illustre artista e á arte dramatica portugueza.

Augusto Rosa foi soberbo e irreprehensivel no papel de Socrates, uma creação primorosa que o sagraria grande actor se não tivesse de ha muito conquistado esses fóros, no *Cesar de Bazan*, na *Estrangeira* e no *Parisiense*.

Amelia da Silveira, a gentilissima actriz, foi uma formosa Myrrhina, e todos os outros papeis do *Socrates* foram muito bem desempenhados pelos artistas de D. Maria, dando esse *ensemble* uma representação deliciosa á deliciosa comedia de Banville.

José Ignacio d'Araujo teve repetidas chamadas no fim da peça e ruidosa ovação, como tambem Rosa Damasceno e Augusto Rosa.

Valle, o nosso grande actor comico, o inimitavel Valle do Gymnasio, fez o seu beneficio com uma das mais afamadas comedias de Labiche, *Le beau Celimare*, traduzida por dois escriptores novos em theatro, mas criticos dramaticos muito distinctos, que teem por coisas de theatro um grande amor e ao mesmo tempo profundo conhecimento, os srs. Collares Pereira e Joaquim de Miranda.

O *Beau Celimare* traduzido excellentemente com o titulo de *Adorado Celimare*, apesar dos seus talentosos escriptores terem conservado toda a graça do original, todo o espirito de Labiche, não teve o grande *successo* que muita gente esperava.

A nós não nos surprehende nada isso, porque nunca tivemos grande confiança no *Beau Celimare*, e apesar de reconhecermos todas as suas grandes qualidades foi sempre uma das peças de Labiche porque tivemos menos sympathia.

Graça tem a peça ás mãos cheias, mas o todo é muito cru, e depois sempre nos repugnou um pouco aquelle viuvo, que mesmo depois de viuvo, ainda continua a ser o mesmo que era em casado.

Não sei se foi este mesmo motivo que impressionou toda a gente, mas o que sei é que a peça não teve o grande exito de gargalhada que devia ter.

Valle fez o papel de Celimare, fel-o com muita graça, mas não é dos seus mais gloriosos papeis.

A peça entretanto agradou e os artistas foram muito applaudidos.

Na Trindade fez beneficio a talentosa actriz Lucinda do Carmo com a primeira representação da comedia operetta de Meilhac e Milland, musica de Hervé *A Cosaca*.

A Cosaca agradou muito, graças ao brilhante desempenho de Lucinda do Carmo e de Lecoq, e á musica de Hervé que é lindissima.

Na proxima chronica fallaremos mais d'espaço d'esta operetta, porque hoje não queremos deixar de registar o *successo* alcançado por Alfredo Keil com a sua grande opera *D. Branca*.

Finalmente esta opera ha tanto tempo esperada, subiu á scena na noite de 10 de março com um exito verdadeiramente triumphal.

Não temos tempo nem espaço aqui para analysarmos detidamente essa explendida partitura em que Alfredo Keil amontoou prodigamente as mais formosas perolas do seu poderoso talento, os mais profundos conhecimentos da arte moderna que com tanto amor tem estudado. A *mise-en-scene* de *D. Branca* é deslumbrante; o scenario lindissimo, especialisando a scena do prologo a *Floresta sagrada de Sagres* e a do ultimo acto, o alcazar no Algarve. Os fatos são d'uma riqueza e d'um luxo nunca visto, sobretudo os do acto do paraizo. Como effeito theatral os actos mais notaveis são o primeiro e o terceiro. Como arte, como talento, como genio musical, para nós a verdadeira obra prima da peça, aquella que bastaria para collocar Alfredo Keil ao lado dos grandes maestros gloriosos é o segundo acto. N'esse acto tudo é bello; a aria da *D. Branca*, a serenata e o duo final que em toda a parte do mundo será uma bella pagina de musica e que tem já marcado o seu logar entre os duos celebres. Theodorini foi assombrosa de talento em toda a opera; a sua creação de *D. Branca* é uma creação perfeitamente genial e que constitue uma situação perigosissima para as artistas que de futuro tenham que executar esse papel.

Francisco d'Andrade foi tambem notabilissimo; a sua aria do terceiro acto disse-a com um talento e vigor que levantaram enthusiasmada toda a sala.

Antonio d'Andrade e Meroles interpretaram muito bem toda a opera; Figuet e Prandi foram tambem muito applaudidos.

A *D. Branca* está ensaiada magistralmente pelo maestro Mancinelli que a todo o momento era chamado e victoriado.

Alfredo Keil teve por debute uma apotheose. Principiou por onde muitos não acabam; a sua primeira opera, não foi um successo de estima, não foi uma auspiciosa estreia, foi um grande triumpho, foi um acontecimento artistico.

N'um dos proximos numeros, o OCCIDENTE occupar-se-ha mais detidamente da opera *D. Branca* e do seu auctor.

Tinhamos parte da chronica já feita quando nos chegou a noticia da morte do imperador da Allemanha. N'outro logar encontrarão os nossos leitores artigo especial a esse respeito.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O IMPERADOR GUILHERME

Cahiu o collosso, o grande vulto da politica d'este seculo, depois do grande Bonaparte; a um tempo militares e politicos, que de coisas extraordinarias se não teriam produzido na politica do mundo se tivessem vivido na mesma epoca. Mas não foi assim; quando as victorias do grande capitão se foram sepultar em Santa Helena, ensaiava Frederico Guilherme as suas primeiras armas, e no seu espirito bellico principiou a acariciar a idéa de uma desforra, idéa que o acompanhou mais de meio seculo, com a insistencia da raça germanica.

N'isto o grande principe só obedecia ao sentimento nobre do seu coração — o amor da patria. Esse mesmo amor da patria o fazia sonhar com a unidade da grande familia germanica, e o descendente de Frederico o Grande espraiava as suas vistas para além das fronteiras prussianas, e pensava na grande nação que aquelles pequenos estados, unidos em um só, poderiam constituir.

Militar aguerrido durante successivas campanhas, que para elle principiaram em 1813, quando apenas contava 16 annos de idade, pois nascera a 22 de março de 1797, cedo formou o seu espirito guerreiro.

O seu excessivo militarismo fez-lhe desenvolver idéas absolutistas e foram essas idéas reveladas no parlamento, quando seu irmão mais velho, Frederico Guilherme IV, subiu ao throno em 1840, que lhe valeram a emigração para Inglaterra, por alguns mezes, corrido pelo povo de

Berlim, por esse mesmo povo que trinta annos depois o havia de acclamar enthusiasticamente imperador da Allemanha.

Mas como poderia o futuro imperador amar a liberdade politica, se ella era um estorvo para as suas ideas de unificação da Allemanha?

As vantagens que elle previa d'essa união, eram de tal ordem, que offuscavam as pretenções dos pequenos estados, e no seu coração de patriota só via a grandeza da patria.

Todas estas idéas se revolviam no cerebro do principe prussiano quando, em 1857, a doença do rei seu irmão, o fez assumir a regencia do reino, e desde esse momento principiou a dirigir a sua politica unionista, que ia encontrar echo em Bismark, que na dieta de Franckfort tomava a dianteira nos partidarios da unidade da patria. Tambem Bluntschli e Hegel já lançavam os primeiros fundamentos da grande obra.

O principe regente encontrava n'aquelles homens o maior apoio para os seus planos; era mais, completavam e, melhor, ampliavam o grande pensamento, o ideal de seus sonhos, que mais parecia uma lenda do poetico paiz de Goethe, que um proposito real.

Em 1861 Frederico Guilherme subia ao throno da Prussia, que a morte do seu irmão deixára vago, e então principiava as suas grandes reformas militares, principiava a sua batalha com os liberaes no parlamento, que não viam com bons olhos o crescente predominio militar que ia assoberbando a Prussia e exigindo sacrificios ao contribuinte.

Bismarck estava, em 1862, no lado do futuro imperador, e era a cabeça dirigente que concertava o plano scientifico da grande empreza; Moltke, o grande general que poria por obra esses mesmos planos que elle aperfeiçoava com os seus conhecimentos militares; e o rei Guilherme dava força a ambos para que os seus sonhos se realisassem e a patria unida e vencedora adquirisse os foros de grande potencia, que dominasse nos destinos da Europa.

A politica, na Prussia assumira um verdadeiro cezarismo a um tempo, democrata e militar, estava alli o rei Guilherme com a simplicidade do seu viver de soldado, e ao mesmo tempo com a sua vontade de ferro de general.

Em 1865 a convenção de Gastein era a primeira victoria das armas prussianas contra a Dinamarca. Esta victoria trazia os ducados do Sleswig-Holstein para o dominio do regimen austro-prussiano. No anno seguinte Sadowa levantava-se e a Austria perdia a hegemonia que exercia na Allemanha, dando-a á Prussia, d'onde se formava a confederação allemã do norte, primeiro passo para o futuro imperio.

Ao passo que a Prussia se engrandecia, perto d'ella existia um imperio, um imperio que a humilhava.

Era o ponto culminante da politica do rei Guilherme e do seu chanceller, a rehabilitação pelas armas, das affrontas recebidas d'esse imperio.

Só se esperava o momento opportuno para se travar a grande lucta, friamente planeada, e que devia dicidir da sorte do Imperio Germanico.

Chegou 1870 e a França foi arrastada á guerra que a Prussia lhe declarava e que tão funestas consequencias lhe havia de trazer.

Foi encarniçada a lucta e mais de uma vez a victoria esteve indecisa, até que em Sedan as armas prussianas, á frente das quaes estava o rei Guilherme e Moltke, sahiram vencedoras, e baqueou um imperio para outro se levantar.

O rei Guilherme da Prussia era calorosamente acclamado imperador da Allemanha.

Desde então o povo via n'elle um vencedor, via n'elle a patria unida, creava em roda d'elle uma adoração, não era já o seu monarcha era o seu Deus; e esta adoração, este respeito nunca esfriou no coração dos allemães, e acompanhou até aos ultimos momentos o venerando imperador, que era a alma da sua patria, o pae do seu povo.

Eis em rapidos traços o que foi o Imperador Guilherme, o primeiro d'essa trindade, que se chama Guilherme, Bismarck e Moltke, que resvalou para o tumulo, com a magoa no coração de deixar um throno sobre o qual se vae debruçar enfermo o seu successor.

Se o velho imperador quiz nos fins da vida os descanços da paz, que elle manteu *ao transe*, nem por isso a providencia lhe poupou o desgosto de ver gravemente compromettida a saude do seu herdeiro.

Entretanto «morreu o rei, viva o rei» e o Kronprinz, apesar da gravidade do seu estado, vae n'este momento a caminho de Berlim.

Em breve irão ficar satisfeitas parte das interrogações que se fazem sobre o throno da Allemanha e da sua politica internacional. Nós não nos mettemos a prophetas.

O imperador Frederico Luiz Guilherme, filho de Frederico Guilherme III e da princeza Luiza Mecklembourg Strelitz, casou em 1829 com a princeza Augusta, filha do ultimo grão-duque Carlos Frederico de Saxe-Weimar.

D'este consorcio nasceu em 18 de outubro de 1831 o principe Frederico Guilherme, herdeiro presumptivo, que por sua vez casou, em 1858 com a princeza Victoria de Inglaterra, de cujo enlace nasceu o principe Frederico Guilherme, em 27 de janeiro de 1859 e a princeza Luiza.

O retrato que publicamos foi tirado o anno passado por occasião do nonagessimo anniversario do imperador. É um retrato pouco conhecido de que mandamos vir expressamente a photographia e que dá bem o aspecto do homem a quem pesam noventa annos.

N'elle se vê a simplicidade do valoroso general, a quem, nem a gloria, nem a importancia da sua individualidade, o affastaram dos seus habitos de militar costumado a viver nas campanhas.

JUBILEU DE LEÃO XIII

A Exposição no Vaticano

Para completar a chronica illustrada que temos feito do *Jubileu de Leão XIII*, d'essa grande festa em que tomou parte todo o mundo catholico e não catholico, publicamos hoje a gravura da grande galeria do jardim de *La Pigna*, onde se realisou parte da exposição e onde se reuniram os objectos mais ricos que foram offerecidos a Sua Santidade.

O dia 6 de janeiro foi o destinado por Leão XIII para a inauguração da exposição, e esta ceremonia celebrou-se com a maior solemnidade, no meio de toda a corte do Pontifice e dos enviados extraordinarios que tinham ido a Roma tomar parte nas festas do jubileu.

Em uma vasta sala, ha pouco concluida e que está em immediata communicação com o Museu Pio-Clementino, é que teve logar a ceremonia.

Em frente da porta principal vê-se o throno papal coberto de veludo vermelho; em volta estão as cadeiras para os cardeaes e a estas seguem-se grandes bancos para os convidados; alguns guardas palatinos e gendarmes pontificios estão dispostos em differentes pontos da sala, vendo-se brilhar as suas alabardas polidas.

Ás onze horas da manhã a sala principiou a ser invadida pelos convidados não havendo logar para mais de mil pessoas.

Os embaixadores e os enviados extraordinarios occupam logares proximo do throno; a nobreza romana acha-se ali reunida.

Ao meio dia e meia hora deu entrada na sala Sua Santidade Leão XIII, ao mesmo tempo que o côro de cantores da capella Sixtina acompanhado a grande orchestra entoava o hymno *Tu es Petrus*. As acclamações do auditorio echoam então pelas abobadas da grande sala e vão confundir-se com as vozes e sons harmoniosos que se elevam do côro.

Concluidos os canticos, o cardeal Schiaffino, presidente honorario do *comité* promotor das festas do jubileu e da exposição no Vaticano, avançou para o throno papal e leu a Sua Santidade um eloquente discurso sobre aquelle acto, que terminou por um viva a Leão XIII calorosamente correspondido pela assembléa. Em seguida Leão XIII, muito commovido, respondeu em breves palavras, ao discurso do cardeal Schiaffino.

Tornou a ouvir-se, então, o côro entoando o hymno ao Papa, composto pelo celebre maestro Capocci, mestre da Capella de Latrão, executado por 150 vozes e 70 instrumentos.

Quando terminou, o presidente do *comité* romano, commendador Acquaderni ajoelhou-se aos pés do Papa, e em nome de todos agradeceu a Leão XIII o ter permittido que se fizesse no Vaticano a exposição das offertas que tinham sido feitas a Sua Santidade. Em seguida passou-se á ceremonia do beija-mão e beija-pé, terminada a qual o presidente convidou o Santo Padre a visitar a exposição.

Eram cerca de duas horas da tarde quando Leão XIII deu entrada na galeria do jardim de *La Pigna*. Esta galeria, apesar de vastissima só póde accommodar as offertas mais principaes offerecidas ao Papa, e estas são em grande numero, pois bem se sabe a innumeravel quantidade de objectos que foram offerecidos a Leão XIII.

Não poderemos fazer uma revista minuciosa das prendas que ali se vêem, nem sequer innumerar as mais importantes, porque isso alongaria demasiadamente esta noticia.

Nas paredes vêem-se grandes tapeçarias de Flandres, preciosas offertas da Hollanda, do Oriente e da Baviera fazendo fundo aos centenares de objectos de ouro e pedrarias que se ostentam sobre estrados recobertos de veludos e sedas. Por entre as tapeçarias alvejam riquissimas alvas de fina bretanha, custosamente bordadas e guarnecidas das mais preciosas rendas.

As casulas, capas, estolas e outros paramentos confundem-se na profusão e no brilho das suas bordaduras de ouro, perolas e outras pedras preciosas. Junto da rica tiara, offerecida pela cidade de Paris, scintillam fascinadoramente os rubins, as esmeraldas, as saphyras e os brilhantes da mitra presenteada pelo imperador da Allemanha ao pé da qual está a opulenta casula e estola, brinde da imperatriz Augusta.

A amphora com relevos de ouro, offerta da rainha Victoria, occupa um logar distincto, e o crucifixo offerecido pelo imperador Francisco José, obra de subido merito artistico e de grande valor intrinsico, avulta vantajosamente no meio das outras offertas; junto está o peitoral de brilhantes offerecido pela Columbia.

Os vasos de Sevres avultam por toda a parte e lá se vêem os vasos de porcelana da Vista Alegre offerecidos pelo sr. bispo-conde de Coimbra.

O calix de ouro offerecido por D. Luiz I chama muito a attenção, pela delicadeza do seu trabalho. Uma pia para agua benta, presente da imperatriz do Brazil, em precioso esmalte antigo, outra da rainha Carolina da Saxonia em fina procelana de Missen, são objectos de rara belleza.

Vê-se um crucifixo desenhado pelo rei de Wurtemberg; a biblia *Pauperum* do rei da Saxonia; uma amphora de prata lavrada da princeza de Wittgenstein; um jarro de Sevres e uma escrevaninha do ex-presidente da Republica Franceza, mr. Grevy. Chama tambem muito a attenção a bella estatua, em prata, de *Joanna d'Arc*, offerenda da condessa de Paris; proximo vê-se a cruz de esmeraldas do duque de Nemours; o serviço de ouro do duque de Chartres; o annel dos principes de Joinville; um riquissimo missal de prata, outra offerta do imperador d'Austria, este missal encerra as mais preciosas miniaturas feitas pelos mais afamados pintores austriacos.

Ás offertas dos differentes monarchas e potentados juntam-se as prendas offerecidas pelos simples catholicos de todo o mundo, onde as damas portuguezas, hespanholas e francezas occupam um logar importante.

A Italia é das nações que dá maior e mais bello contingente para a exposição, e entre innumeros objectos de inextimavel valor artistico, destaca-se um formoso relicario de ebano, bronze e prata batida, tendo pequenas estatuetas dos Apostolos, e com a cifra de Leão XIII em brilhantes, é uma obra d'arte consummada.

Um pequeno modello da capella de Santo Antonio de Padua, feito de prata e pedras preciosas, attrahe as vistas de quantos visitam a exposição.

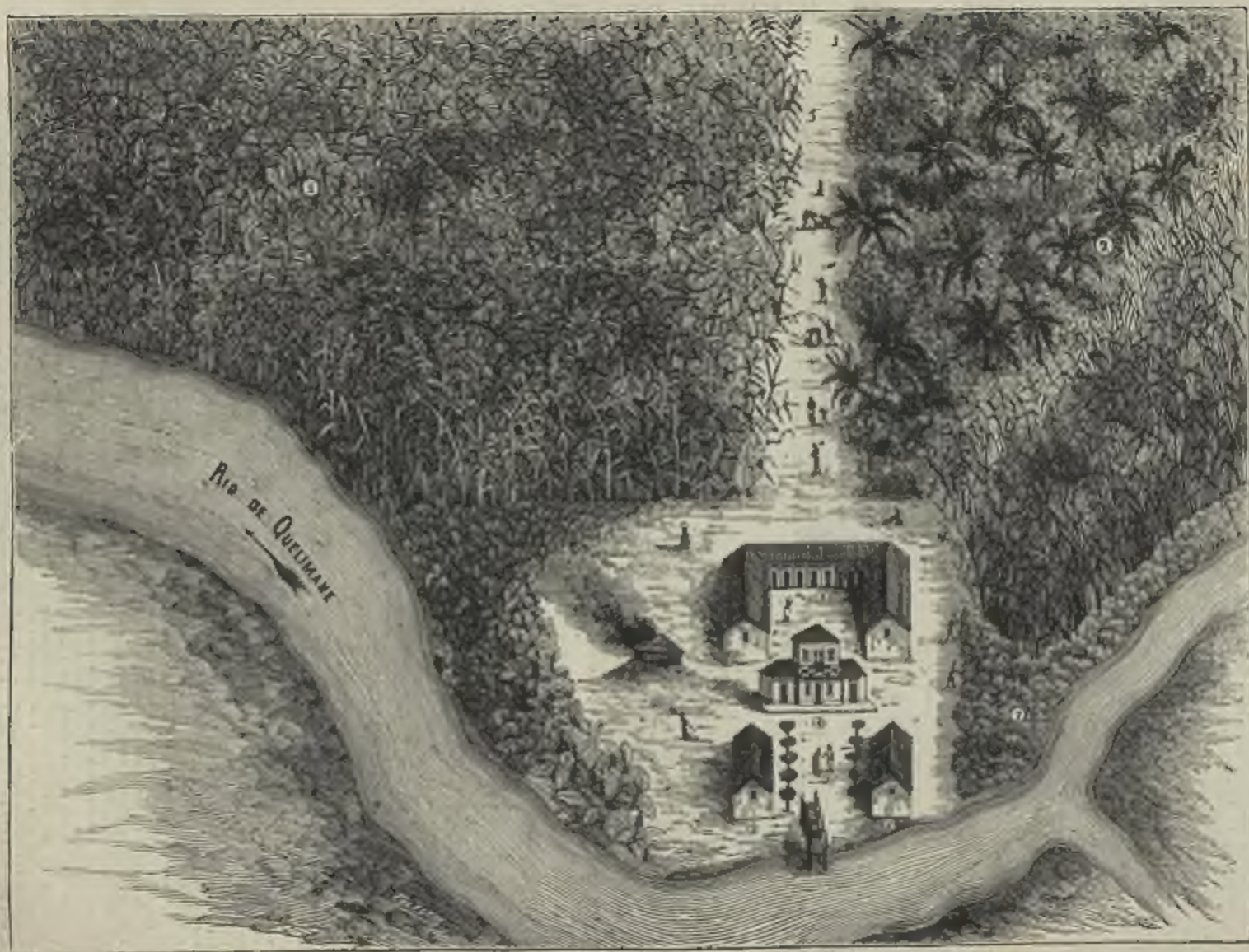
É tambem obra admiravel um altar portatil, construido em Siena, e que o *comité* central das festas do jubileu presenteou ao Papa para a celebração da missa em sua capella particular.

As *Filhas de Maria*, de Turim, apresentam um quadro bordado representando a *Cêa*, cópia do quadro de Paulo Veronese, que é uma verdadeira maravilha. Vê-se uma *Barca de S. Pedro*, de prata, em que o apostolo está em acção de colher as redes no mar Tiberiano, esta curiosa obra é offerenda dos pescadores de Chiogia.

Os visitantes admiram um precioso relicario em fórma de urna, com columnas de crystal de rocha, todo guarnecido de pedras preciosas, offerecido pelo Capitulo de S. Pedro, para n'elle se guardar a cabeça de S. João Baptista. Do precursor de Christo vê-se uma estatua, em prata, presenteada pela Ordem de Malta; uma outra estatua, tambem de prata, representando S. Pedro, é offerta da Guarda Palatina.

A aristocracia romana distinguiu-se d'uma maneira notavel nas offertas que fez a Leão XIII, onde, a par da riqueza dos objectos, reuniu o seu valor historico, por serem quasi todos memorias de familia que mais ou menos se prendem com a historia dos pontifices. Assim o principe Doria Panfili offereceu um grande crucifixo de prata, reliquia preciosa de sua antiga casa; o principe Balthasar Odescalchi, enviou um retrato de Innocencio XI, illustre antepassado de sua familia, obra de subido valor artistico, pintado por Michetti; em belleza d'arte excede este o que offereceram os principes Altieri, pintado por Giotto, e juntamente uma copia da mais bella *Madona* de Raphael. Explendido é tambem o

JUBILEU DE LEÃO XIII

EXPOSIÇÃO NO VATICANO DAS OFFERTAS FEITAS A SUA SANTIDADE LEÃO XIII

AFRICA ORIENTAL PORTUGUEZA — Nhamboa — Prazo Maral — Quelimane

altar dos duques de Ceri; e os soberbos paramentos que pertenceram a Paulo v, offerta da familia Borghese; a estes juntam-se os offerecidos pela princeza Luiza Corsini, e muitos outros que é quasi impossivel enumerar.

As edições de luxo, na maior parte de livros religiosos, dão tambem uma nota distincta á exposição, e n'ellas se admira os primores da arte typographica de Turnay, Paris, Francfort, Vienna e Leipsik.

E esta multidão de objectos de que apenas mencionamos uma pequena parte, constituia a mais esplendida exposição que se tem realisado n'estes ultimos tempos, se considerarmos que n'ella figuravam as artes de todos os paizes do mundo, desde os confins da Africa até aos centros mais civilisados da Europa.

Quando Leão xiii se retirou d'esta sua primeira visita inaugural, eram pouco mais de tres horas, não se demorando mais tempo, porque o impediu a fadiga.

Esta exposição foi, sem duvida, a prova mais eloquente das sympathias de que o actual Pontifice gosa em todo o mundo, porque todos á porfia enviaram as suas lembranças, lembranças que áparte o valor estimativo de muitas, bem se podem calcular em cerca de dez mil contos.

Grande parte dos objectos do culto, destinou Leão xiii para distribuir pelas egrejas pobres, e as mais offertas constituirão bens para a curia.

Foi esta a resolução, que constou, tomaria Sua Santidade.

AFRICA ORIENTAL PORTUGUEZA

Nhaudôa — Praso Mawal — Quelimane

A nossa gravura representa um ponto do praso Mawal denominado Nhaudôa e de que é arrendatario o benemerito cidadão o sr. Romão de Jesus Maria. Não nos alargamos na descripção d'este ponto, porque o desenho claramente o demonstra: grandes plantações de canna sacharina, palmares, grandes plantações d'hortaliças em volta dos armazens, uma casa de primeiro andar, reservada e destinada aos viajantes que por ali passam e onde são recebidos com uma fizarria pouco vulgar, eis o que o desenho mostra e que o leitor facilmente vê sem o auxilio de longas descripções.

Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão

Falleceu no dia 22 do proximo passado mez de fevereiro em Coimbra, pela uma hora da madrugada, na edade de setenta e tres annos, pois nascera a 6 de janeiro de 1815, o nosso excellente amigo, o bacharel Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão.

O illustre medico succumbiu ao cabo de prolongado e crudelissimo soffrimento, que motivara a cardioectasia por infiltração gordurosa do miocardio. Mezes inteiros de tortura physica e moral, alanceado pela preoccupação amarissima da orphandade, que lhe ia já enlutando a esposa e os filhos estremecidos, perpassaram ante seus olhos tristes, resignados, de uma tranquilla e perenne doçura de philosopho e de christão. A cultura esmerada do seu espirito, em alliança com suas crenças religiosas, arraigadas e sinceras, collocavam-n'o corajosamente em face do problema terrivel da morte, como perante uma inilludivel fatalidade da natureza obediente em tudo aos mandatos do Creador. Durante esse largo periodo de lenta agonia, em que assistimos ao desapparecimento gradual de uma vida, tão laboriosa, tão util, tão exemplar, tão rica de bons exemplos que legou aos filhos e servem de espelho a extranhos, conscio intimamente do seu destino, nunca lhe escapou uma palavra de cholera mal contida, de revolta, de protesto ou desfallecimento. Sobresaltava-o apenas a sorte dos seus; e foi este o thema dominante de suas palavras nos dias sombrios de clausura, que a doença implacavel lhe preparou.

Finou-se, pois, um dos homens mais conhecidos e estimados entre os que em terra portugueza frequentam as lettras e as sciencias. Rodrigues de Gusmão foi um clinico habil, estimadissimo e feliz, nos logares onde exerceu e onde deixou tantos amigos quantos os seus clientes; os fastos da sua pratica nobilitariam qualquer levita do bello sacerdocio, cuja alva tunica já vai manchando o lodo da especulação hodierna. Porem esse aspecto sympathico de seus serviços á sciencia encobre-o um pouco a roupagem mais rica e mais brilhante do escriptor, do erudito, do bibliophilo e do archeologo. Não foi um experimentador; não lh'o permittiam os recursos limitados do mister na provincia; não foi um therapeuta innovador e audaz; não foi um especialista, dividindo em mal disfarçados lances de agiota a integridade formal do organismo; não mirou seu animo claro alguma das incoerciveis excellencias, que constituem o apanagio de nossos modernos sabios. Foi um trabalhador sincero, de todas as horas, versando a bella linguagem portugueza com rara consciencia, amando incondicionalmente a boa leitura e os bons livros, de que possuia uma vasta, rica e curiosissima collecção, interessando-se por nossos fastos e monumentos, que estudava com amor e predilecção de patriota. Conciliado n'uma direcção concordante todo o trabalho que os actos quotidianos e o afastamento de um centro de estudos o obrigaram a dispersar por innumeras publicações, a sua obra fôra extraordinaria. Apezar, porem, de todas as circumstancias desfavoraveis, poucos medicos temos que hajam legado á posteridade tão variadas e multiplices publicações de bom quilate; entre os medicos provinciaes nenhum, nem antigo nem moderno, pode defrontar com Rodrigues de Gusmão.

Foi elle um exemplo, que infelizmente não deixará imitadores. Digam-nos que o medico na provincia pouco mais póde que praticar evangelicamente o seu ministerio; e que, chegando á noite a casa extenuado, após as fadigas incessantes de um dia de trabalho, mal póde furtar o corpo ao descanço para repetir no dia immediato a mesma tarefa improba, crystalisando pouco a pouco n'uma rotina miseranda; eu lhes opporei victoriosamente o nome de Rodrigues de Gusmão, que soube registrar no mais acceso de sua faina clinica os factos, por qualquer titulo interessantes, de uma observação esclarecida. E afóra os trabalhos d'esta ordem ainda talhou ocios para redigir noticias litterarias, criticas, biographicas, bibliographicas e archeologicas, que d'elle fizeram um collaborador inestimavel, prestantissimo, da grande maioria das tentativas generosas, scientificas e litterarias, que durante quasi meio seculo se envidaram entre nós para o levantamento da cultura mental.

Em todos esses innumeros escriptos poz o nosso amigo o cunho de uma individualidade bem caracterisada. Como escriptor a sua penna discorria sobriamente, com elegancia e concisão rarissimas, propria e vernacula, com dignidade e austeridade, predicados que o elegeram entre os mais grados escriptores nacionaes do nosso tempo. Como medico foi um seguidor fiel das doutrinas e preceitos hippocraticos, temperados pelos progredimentos modernos, que acompanhava com prudencia, mas ininterrupta e amorosamente, mostrando-nos instructiva harmonia entre as lições da tradição e os reptos do progresso; que foi um clinico consciente, meticuloso observador, sagaz semeiologista, attestam-n'o, para completar as outras prendas, muitas das suas memorias. Como erudito, bibliophilo e archeologo, poucos entre nós lhe levavam a palma; de uma erudição certa, copiosa, segura, bebendo suas origens no conhecimento das humanidades latinas e gregas, nos textos purissimos dos prosadores e poetas da antiguidade classica, e ascendendo para os classicos modernos pela via segura da investigação nas proprias fontes, e tocando por todas as faces, ainda as mais imprevistas para quem o não conhecesse de perto, nos productos da publicidade moderna. Não cabe decerto na indole e limites d'este breve e pallido escorço a minudente analyse de seus trabalhos n'estes pontos da erudição antiga e moderna e da archeologia nacional; basta notarmos que não apparecia em Portugal publicação correspondente de valor, que não fosse buscar conselhos proveitosos e seguras indicações a casa de Rodrigues de Gusmão.

Haverá certamente quem levante em condigna biographia um padrão á memoria d'este eminente escriptor, honra e gloria da nossa classe. O estudo critico da sua obra complexa e extensa, variegada e luminosa como um prisma de crystal, compadece-se com trabalho de maior tomo do que nos é permittido escrever. Impunha-se-nos, porém, o dever indeclinavel de prestar homenagem ao amigo, que tanto nos queria, louvava e animava. Cumpria-nos, no momento solemne em que a historia ergue a voz soberana sobre o ulular das ruins paixões humanas, exarar aqui palavras de verdade e de justiça, desenhando a traços largos e imperfeitos o perfil de um collega, cheio de modestia, de saber, de integridade, caracter immaculado,—um homem de sciencia e um perfeito homem de bem.

Augusto Rocha.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

II

HOSPITAL DE S. JOSÉ

Para se fallar no hospital de S. José é necessario reportarmo nos a tempos mais remotos: ao Hospital de todos os Santos.

Foi D. João ii o fundador do dito hospital, (edificio sumptuoso, que mais tarde veiu a denominar-se *Hospital d'Elrei)*, sendo lançada a primeira pedra em 15 de maio de 1492, e correndo as obras depois com alguma morosidade. El-rei D. Manoel, subindo ao throno, impercutido dos sentimentos mais piedosos, mandou concluir as obras do hospital e alcançou do papa Alexandre vi, em 1501, o breve que começa *Ferentis in desideriis cordis, ut hospitalia*, etc., para ali se reunirem todos os outros hospitaes espalhados pelo reino sob a invocação de todos os santos.

Administravam este hospital *provedores* cuja nomeação era regia. O primeiro foi Estevão Martins, mestre-escola da Sé de Lisboa. Essas nomeações continuaram até 1564 em que por alvará d'el-rei D. Sebastião de 28 de junho passou o hospital a ser administrado pela Irmandade da Misericordia de Lisboa, sendo então provedor o padre Evangelista Gaspar d'Assumpção.

Estava o Hospital de Todos os Santos situado no terreno que hoje occupa o mercado da praça da Figueira e todos os predios da rua das Gallinheiras desde a rua da Betesga até á rua do Amparo. A face principal do edificio voltava para o Rocio (hoje praça de D. Pedro iv). Do lado norte estava situado o convento de S. Domingos, cujo dormitorio era separado pela ermida e casas de Nossa Senhora do Amparo, destinadas aos enfermos incuraveis, ermida que cahindo pelo terremoto foi, por aviso de 19 de junho de 1759, formada em seu logar a rua do Amparo.

Não descreveremos com todas as minucias o sumptuoso Hospital de Todos os Santos, isso nos levaria longos artigos, que necessariamente teriam de sair fóra dos limites d'esta folha. Cingir-nos-hemos pois a traçar um pequeno esboço do que era este magnifico edificio, tido então como um dos primeiros do seu genero em toda a Europa.

Estava assente em trinta e cinco columnas de cantaria, com suas arcadas e lojas. Debaixo d'estes arcos, de abobada vasta e espaçosa, se fazia todas as terças feiras um mercado que era muito concorrido.

O edificio havia sido construido na fórma de uma grande cruz de braços iguaes, ficando nos quatro angulos quatro grandes claustros lageados, tendo tres d'esses claustros ao centro um poço d'agua potavel. No quarto angulo estava estabelecida a cozinha, tendo o poço a um canto.

Em grande parte do sitio hoje occupado pelo mercado havia uma horta cheia de hortaliças e arvores fructiferas, entre as quaes se achava uma figueira que havia sido dada aos padres capuchos como curiosidade.

O braço da cruz que deitava para o Rocio era occupado pela egreja de fabrica sumptuosissima vindo a occupar o fecho da cruz a capella-mór para onde deitavam algumas janellas das enfermarias. Os outros tres braços eram occupados pelas enfermarias, casa dos engeitados e officinas.

Em 27 de outubro de 1601 houve ahi um incendio que reduziu a egreja a cinzas. Reedificada por D. João v com a magnificencia que aquelle monarcha dispunha em obras claustraes.

Novo incendio devorou o edificio em 10 de agosto de 1750, só podendo escapar a enfermaria de S. Camillo.

Estava sendo de novo construido quando, em novembro de 1755, o incendio que seguiu ao terremoto destruiu o edificio totalmente.

Os doentes que escaparam — os que occupavam a enfermaria de S. Camillo — foram conduzidos para umas cabanas que se formaram no Rocio, onde estiveram por tres semanas, sendo depois passadas para umas cocheiras pertencentes a casa de Castello Melhor, fronteiras ao palacio do conde de Pevolide.

Expulsos os jesuitas pelo marquez de Pombal, a vastidão do collegio de Santo Antão fez nascer a idéia de se destinar aquelle edificio para hospital, sendo os doentes para ali conduzidos em 3 de abril de 1775.

O mosteiro de Santo Antão, o Velho, foi o primeiro collegio que os jesuitas tiveram depois do de Roma. Era situado no bairro da Mouraria, na raiz do castello de S. Jorge. Haviam ido para lá os jesuitas em 5 de janeiro de 1542, contando a Companhia de Jesus apenas tres annos de existencia.

Vendo o cardeal D. Henrique que aquelle edificio era pequeno para tantos jesuitas e desenvolvimento do collegio, fez-lhe doação de um novo terreno proximo ao convento das freiras de Sant'Anna, lançando-lhe a primeira pedra em 11 de maio de 1579.

O edificio levantou-se sob a direcção do architecto Balthazar Alvares, mas escasseando-lhe terreno para a cerca, el-rei D. Sebastião fez com que a camara concedesse aos jesuitas um pedaço do campo de Sant'Anna, não sem custo, porque as freiras e os moradores d'aquelle sitio muito se lhes oppozeram com receio que os frades mais tarde viessem a empolgar-lhes as suas propriedades. Entretanto a obra levou-se a effeito, graças ao patrocinio do presidente da camara municipal, D. Pedro d'Almeida, muito affecto aos jesuitas desde a sua capitania em Damão.

Mudaram-se os jesuitas para o novo collegio em 8 de novembro de 1593, finalisando as obras alguns, annos depois, no tempo de Filippe II.

Esse collegio, chamado de Santo Antão, o Novo, teve 70 religiosos, ensinando-se n'elle humanidades, logica, philosophia, theologia, moral e mathematica.

A egreja, que lhe pertencia, e hoje se vê em ruinas, havia sido consagrada a Santo Ignacio de Loyola. Foi esse magnifico templo fundado por D. Filippa de Sá, condessa de Linhares, cujo tumulo em marmore preto e branco ainda hoje se conserva intacto do lado esquerdo da arruinada capella-mór. Disse-se a primeira missa n'esta egreja em dia de Santo Ignacio de 1652.

No reinado de D. João V o edificio foi consideravelmente augmentado e renovado pela influencia d'um jesuita napolitano chamado João Baptista Carboni, a quem o rei muito considerava.

Já dissemos como no dia 3 de abril de 1775 os doentes do Hospital de Todos os Santos foram transferidos para o Collegio de Santo Antão, que desde logo se ficou intitulando *Real Hospital de S. José*, em honra d'el-rei D. José, que havia ordenado aquella transferencia.

Em 1811 o enfermeiro-mór D. Francisco d'Almeida, fez collocar na frontaria do edificio as estatuas dos apostolos que ornavam a antiga egreja, formando-lhes os pedestaes com a cantaria d'uma das torres que fez apear por ameaçar ruina.

Subsequentemente muitos melhoramentos se tem feito n'este vastissimo hospital, hoje considerado como um dos melhores do mundo, não só pelos excellentes commodos que offerece aos doentes, mas ainda pelas suas condições hygienicas. Formaram-se novas enfermarias, alargaram-se outras e melhoraram-se algumas ás quaes faltava a precisa luz e eram pouco ventiladas.

Em 1849 e 1850 foram mudados para o edificio de Rilhafoles 170 alienados que occupavam no hospital as enfermarias de S. Theotonio e Santa Euphemia nos terrenos baixos junto ao pateo das arvores.

Rilhafoles, pertenceu outr'ora (desde 1717) aos padres da missão de S. Vicente de Paulo, sendo por esse tempo conhecidos pela designação de *missionarios apostolicos*. Serviu depois de collegio aos alumnos militares, para onde foram mandados por decreto de 13 de outubro de 1835, e onde estiveram até janeiro de 1848, em que passaram para o vasto e sumptuoso edificio de Mafra.

Silva Pereira.

O JANTAR DE ANNOS

II

Estamos no dia do anniversario do sr. Fulgencio.

São cinco horas da tarde, ou, para melhor dizer, da noite, porque nos mezes de inverno depois das tres horas já quasi que se não vê.

A casa do droguista, a S. Paulo, apresenta um ar de festa e a campainha da porta não cessa de tocar. São as differentes pessoas convidadas anteriormente que vêem chegando umas após outras: o Silveira e a mulher, o Barros e as duas filhas, o Cesario e a sobrinha, a D. Gertrudes e o neto.

A sala das visitas, com as cadeiras, o sophá e as poltronas de reps vermelho, acha-se illuminada por um candieiro de globo fosco e duas grandes serpentinas de cinco vellas cada uma. Do estuque deslavado das paredes destaca-se um espelho de moldura dourada e os retratos a oleo de Fulgencio e D. Ricarda—ella de vestido de *moirée* branco e flores de larangeira na cabeça, como no dia do seu consorcio; elle de casaca preta e capa encarnada por cima, como discreta glorificação ás suas funcções de juiz do Santissimo.

A meio da sala, uma banca de pés torneados, onde, alem do candieiro e de uns bonecos de porcelana, existe um album de madreperola com as photographias dos amigos, conhecidos e fornecedores do droguista.

N'outra banca entre as janellas de sacada que dão para a rua, ficam as duas serpentinas que são de prata e a meio d'ellas uma pendula com columnas de jaspe e manga de vidro, tendo na partes superior ás columnas, como allegoria, um Cupido travesso, despedindo settas de amor.

O tapete cheio de flores verdes, amarellas e encarnadas e os reposteiros das portas do mesmo reps vermelho das cadeiras dão ao conjuncto da sala o aspecto de uma capella enfeitada para dia santo de guarda.

Os convidados trocam entre si os cumprimentos do estylo. Queixam-se muito do frio e da chuva que já estava n'alguns pontos causando inundações.

O Barros olha desconsoladamente para os lados porque, tendo duas filhas já casadeiras, não encontra n'aquelle agrupamento de pessoas um unico homem em condições de ser marido. Afóra o Silveira que era casado, e o Cesario que era velho e doente, só se lhe deparava o neto de D. Gertrudes, um rapazola de quinze annos que pensa mais em ver as photographias do album que em render finezas ás meninas.

A campainha tornou a tocar e a viuva Abrunhosa e a mana Rufina deram entrada na sala, repetindo as mesmas banalidades já referidas á cerca do frio e da chuva.

D. Ricarda e Fulgencio entretanto davam os ultimos toques á sua mesa, D. Ricarda dispondo as travessas de doce de ovos e de fatias da China por entre as fructeiras e as jarras de flores, Fulgencio collocando sobre o aparador as garrafas tiradas da frasqueira para as saudes do fim do jantar.

Só faltava um convidado, o Cypriano Borges. Fulgencio, que entrára na sala para apertar a mão das suas visitas, é cumprimentado phreneticamente. Abrem-se todas as bocas e, através das saudações, ouvem-se as seguintes phrases repetidas como em côro:

—Mil parabens!

—As minhas felicitações!

—Muitos dias eguaes ao de hoje!

O droguista sorri complacente, mas olha de vez em quando para o relogio e nota com desprazer que estão quasi a dar as seis.

E contudo os convites haviam sido feitos para as cinco.

D. Ricarda, que tambem na sua entrada recebera muitos cumprimentos, acerca-se do marido e queixa-se em voz baixa da demora do compadre.

Mais um bocadinho, mais um bocadinho; elle não póde tardar, responde Fulgencio em tom conciliador.

—Então, amigo Fulgencio... parece-me que vão sendo horas, declara o velho Cesario. Tomei a minha pillula ás quatro da tarde, e o medico manda-me jantar uma hora depois.

—É verdade, acrescenta a sobrinha. A dyspepsia do tio obriga-o a ser muito regular nas comidas.

—Verdade, verdade, interrompe risonho o Silveira, elle já não é muito cedo e o tempo está mesmo a pedir que nos aqueçâmos.

—Dizem que quem espera desespera, accode para a irmã a viuva Abrunhosa; o que fará quem espera pelo jantar.

—Tens razão, mana Carlota; não sei para que nos mandaram vir ás cinco horas.

—Para nos obrigarem a fazer-lhes a côrte. Estes ricaços são de uma vaidade...

—Lá dá o relogio seis horas! pondera a D. Gertrudes.

—Pois olhe, avósinha, a dar horas está o meu estomago ha muito tempo.

—Cale-se menino! seja bem educado.

Todos estes commentarios, que os donos da casa, quando não ouviam, adivinhavam pelos gestos, eram para elles acerbas punhaladas. Os convidados estavam transidos de frio e de fome. Urgia sahir d'aquella situação.

E o compadre Cypriano não apparecia e os creados, mandados vir do Ferrari, davam a perceber que as eguarias perdiam com a demora.

Então o droguista enche-se de resolução e exclama no meio da casa:—Vamos para a mesa, meus amigos.

Indiscriptivel reboliço de satisfação. Os convidados precipitam-se para a sala do festim e cada um toma o logar que os creados lhe designam.

A casa do jantar não destôa do resto da mobilia. Aniceto Fulgencio, inimigo de innovações perigosas, em vez de candieiros de gaz, tem muitas placas pelas paredes e muitos castiçaes e candieiros espalhados pela mesa. A guardalouça e o aparador de nogueira occupam os extremos da casa e por entre as placas apparecem, mettidas em caixilhos, algumas oleographias de mau gosto, representando caçadas, pescarias e varios utensilios culinarios.

A scintillação dos cristaes, a profusão dos vinhos e o variado matiz das fructas produzem com tudo uma agradavel harmonia que faz esquecer por momentos a chatice da ornamentação.

D. Ricarda occupa uma das cabeceiras com visiveis signaes de contrariedade. A ausencia do compadre Cypriano reduzia a treze o numero dos convivas! Se não parecesse mal, mandaria sentar um dos creados. Mas o que diriam as visitas?

Começa a servir-se a sopa. Excepto D. Ricarda, todos atacam denodadamente a cevadinha adubada por bellos nacos de presunto.

O droguista, reparando no rosto contrahido da consorte, suspende o movimento da glutição e lembra-se que estão á mesa treze pessoas!

Os creados entram com uns pratos de *croquettes* e uma travessa grande que parece pequena para conter o bôjo de um famoso pargo ladeado de batatas cozidas.

D. Ricarda, ao fitar o pargo e as batatas, perde a fingida serenidade e irrompe n'um grande choro.

Espanto geral.

—O que é?

—O que foi?

—Que contratempo!

—Que semsaboria!

—É do frio!

—É do calor!

—É da fraqueza!... da fraqueza é que ha de ser!

Taes são as phrases confusas que se cruzam de lado a lado.

Fulgencio levanta-se assustado e, approximando-se de D. Ricarda, limpa-lhe as lagrimas com o guardanapo.

—Então, menina... socega... cobra animo!

—Treze... treze pessoas á mesa e no dia dos teus annos!... É desgraça que está para succeder!

Olha, Fulgencio, isto não póde ficar assim. Pega no chapeo, toma uma carruagem e vae buscar um amigo, um conhecido, um estranho com tanto que não continuemos a jantar com treze pessoas.

—Ora essa! profere o Silveira, não consentimos. Um de nós retira-se da mesa e já ficam só doze pessoas.

—É isso, é isso, respondem ao mesmo tempo differentes vozes.

—Não se levante ninguem, accode precipitadamente a D. Ricarda como entendida em artes cabalisticas. Sobre aquelle que se retirasse agora é que recahiriam fatalmente as consequencias do numero treze. O Fulgencio vae fazer o que eu lhe pedi.

Ao droguista não agradou muito a lembrança de trocar o brando calor do seu ninho pelas intemperies de uma noite chuvosa. Mas que fazer? Para não prolongar a crise, só havia um remedio: condescender promptamente com o ridiculo capricho da esposa.

—Olha filho! exclamou D. Ricarda quando o droguista já ia quasi na escada; abafa-te bem; leva o *cache-nez*!

(Conclue) *Pedro Videira.*

RESENHA NOTICIOSA

Concurso de pensionistas de Bellas Artes. A Academia de Bellas Artes de Lisboa, reunida em jury composto dos lentes e academicos de merito, sob a presidencia do sr. Antonio Thomaz da Fonseca, procedeu no dia 8 do corrente á votação das obras que concorreram ao concurso de pensionistas do Estado para irem estudar no estrangeiro. Em pintura historica foi votado por una-

nimidade a prova n.º 5 do sr. José Maria Velloso Salgado. Em architectura a prova n.º 8 do sr. Adães Bermudes. Em paizagem votou-se adiamento de concurso, em vista das provas apresentadas. A decisão do jury foi justa.

AGUARELLAS DE SUA ALTEZA O PRINCIPE D. CARLOS. Sua Alteza o Principe D. Carlos enviou para a exposição do palacio de crystal do Porto algumas aguarellas suas, para serem vendidas em beneficio dos pobres d'aquella cidade.

PREMIO DA ESCOLA DE BELLAS ARTES DE PARIS. O sr. Joel da Silva Pereira, que se acha estudando na Escola de Bellas Artes de Paris, obteve, ultimamente, duas 2.as mensões em desenho de ornato e em um projecto de architectura, e uma 1.ª mensão em composição decorativa e esculptura.

O «SALON» DE 1888. O distincto pintor sr. Souza Pinto envia este anno ao *Salon* de Paris um novo quadro de sua composição, que nos dizem ter bastante merecimento. O quadro é no genero do que este artista em tempo expoz no *Salon* e foi premiado, e que tem por titulo «As calças Rotas» o qual o OCCIDENTE publicou em 1884. Um rapazinho travesso foi surprehendido na rua por grossa chuva que o molhou completamente, e n'este estado recolhe a casa, onde a avó o despe e lhe ralha por assim se ter enxarcado. O pequeno amua para um canto e a pobre velha trata de espremer o fato para o pôr a enchugar. A este mesmo artista acaba de ser concedido, pela Academia Portuense de Bellas Artes, o diploma de academico de merito.

EXPOSIÇÃO DE VINHOS PORTUGUEZES NO RIO DE JANEIRO. Está-se trabalhando activamente na Direcção de Agricultura, em reunir diversas amostras de vinhos portuguezes de pasto, destinadas a uma exposição particular, no Rio de Janeiro, promovida pela legação portugueza n'aquella côrte.

INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE MORMUGÃO. Realisou-se no dia 31 de janeiro ultimo a solemne inauguração do caminho de ferro de Mormugão, na sua posição com a linha de *Southern Makratta*. Assistiu o governador geral da India com a sua comitiva, os consules de Bombaim, de França, de Portugal, da Suecia e Noruega, o que tudo tomou logar no comboio que foi até á fronteira ingleza. Ali apearam-se todos e o governador de Bombaim aguardava a chegada do comboio. Entrando em um pavilhão que estava armado, trocaram-se os mais affectuosos comprimentos, e o sr. Sawyer, engenheiro chefe da linha, leu um pequeno discurso encarecendo as vantagens d'aquella nova via de communicação. Em seguida discursaram brevemente os dois governadores, terminando pelo governador inglez levantar vivas ao rei de Portugal, a que correspondeu o governador da India levantando vivas á soberana de Inglaterra. O comboio conduzindo toda a comitiva partiu para Castle Rock, onde chegou á 1 hora da tarde. Em Castle Rock, logar despovoado e ermo de vegetação, estava armada uma grande barraca, onde foi servido um lauto almoço de mais de 100 talheres. Terminado o almoço, retiraram todos no comboio que os conduziu a Mormugão, onde a companhia do caminho de ferro portuguez, tinha preparado um grande jantar de 125 talheres, em um barracão enfeitado para esse fim. A festa correu no meio da maior animação, havendo fogo de vistas e concluindo por um baile. A illuminação era a luz electrica. Assim se realisou a inauguração do primeiro caminho de ferro portuguez na nossa India.

O PRINCIPE DE LEON. Tem estado em Lisboa Sua Alteza o Principe de Leon, duque de Rohan, Alain Carlos Luiz de Rohan Chabot; é filho primogenito do principe de Leon Carlos Luiz e nasceu em 1844. Casou em 1872 com Mademoiselle Marie Margarida *Herminia* Henriqueta Augusta filha do marquez de Verteillac, barão de la Tour Blanch e nasceu em 1853. D'este enlace já tem cinco filhos. Os principes de Leon foram convidados por Suas Altezas os duques de Bragança para jantarem no paço de Belem, jantar a que assistiram os duques de Palmella, condes de Ficalho e de Seisal, de Sabugosa, e de S. Mamede, e os srs. Duval Telles e Bernardo Pindella.

PARIS PORTO DE MAR. Nas camaras francezas foi apresentada uma proposta assignada por 47 deputados para a abertura de um canal que ponha a cidade de Paris em communicação directa com o mar. O projecto d'este canal importa uma obra collosal, apesar d'isso o almirante Thomanet, pede a concessão d'esta empreza sem subvenção ou garantia de juro do governo, e só quer auctorisação para receber uma percentagem por cada tonelada sobre os navios que se utilisarem do canal etc. O canal terá uma e meia largura do canal de Suez e a profundidade de 6,20 metros. A obra está orçada em cento e dezoito milhões de francos, que corresponde a 21.240:000$000 de nossa moeda.

CASA DE GELO. Uma edificação extremamente curiosa acaba de se fazer no Aquarium de S. Petersburgo. É uma casa de gelo do typo da casa historica de 1740. A casa com tres divisões é formada de blocos de gelo lapidados. A mobilia é toda de gelo incluindo um fogão. A chaminé é tambem de gelo. Exteriormente o edificio é encimado por uma balaustrada de gelo e na fachada principal é decorada com duas grandes estatuas da mesma materia. Esta casa verdadeiramente caprichosa, custou quatro mil rublos. Se apanha um pouco de calor lá se vae a casa por agua abaixo.

FRANCISCO ANTONIO RODRIGUES DE GUSMÃO

FALLECIDO EM 22 DE FEVEREIRO DE 1888 (Segundo uma photographia de S. Sousa)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Relatorio e Contas da Direcção do Athenen Commercial do Porto, *gerencia do anno de 1887*. Porto, 1888. Um bem elaborado relatorio que honra sobre modo a direcção pelo acerto com que tem dirigido esta tão sympathica quanto util sociedade. No mappa de receita e despeza relativo ao anno de 1887, vê-se que aquella se elevou a 9:863$347 réis e esta a 8:475$325 réis, havendo um saldo para o corrente anno de 1:388$094 réis. O Atheneu Commercial do Porto é das sociedades de instrucção e recreio melhor organisadas que ha no paiz.

Archivo dos Açores, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da Historia dos Açores*. Nono volume, n.º LII. Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel. Este numero publica: «Memoria historica sobre a moeda nos Açores» por Bernardino José de Senna Freitas. 1870.

Historia da Revolução Portugueza de 1820, *illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epoca*, etc. por José d'Arriaga, Lopes & C.ª editores, Porto. Fasciculo 21 relativo ao 2.º volume. Continua aberta a assignatura para esta importante obra, que por mais vezes temos recommendado aos nossos leitores.

Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa, por Eduardo Freire de Oliveira. Tomo III, folhas 15, 16, 17 e 18.

Relatorio da Direcção da Companhia de Seguros Fidelidade *apresentado em assemblea geral na sessão de 28 de janeiro de 1888 e parecer da commissão de exame de contas*. Lisboa. Este relatorio diz respeito aos actos da companhia no anno de 1887. O premio dos seguros terrestres effectuados n'este anno subiu a 193:951$547 e em seguros maritimos a 23:670$035. Nos seguros terrestres houve um augmento, em relação ao anno anterior, de 8:834$408 e nos seguros maritimos a diminuição de 2:995$547. A importancia dos prejuizos terrestres pagos elevou-se a 92:624$296. De prejuizos maritimos teve a pagar 21:509$965. Os lucros accusados são de 55:638$152 de que se resolveu passar 31:258$152 para 1888 a fazer face aos prejuizos illiquidos e imposto em debito, e dividir pelos accionistas 24:380$000 na razão de 20$000 por acção.

O Elegante, *jornal de modas para homens, dedicado particularmente aos alfayates*, etc. David Corazzi editor, Lisboa. N.º 57, de março. Conta já cinco annos de publicação este bello jornal de modas, unico que, no seu genero, se publica em lingua portugueza.

O Alemtejo, *revista litteraria, poetica e charadistica*, editor José D. R. Tavares, Estremoz. N.os 1 a 10 do 1.º anno d'este novo semanario litterario, que publica artigos e poesias muito apreciaveis, além de uma desenvolvida secção de charadas, etc., para divertimento dos amadores. Desejamos todas as prosperidades á nova publicação.

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa